

Bernardo Soares

CALEIDOSCÓPIO

CALEIDOSCÓPIO

Não fales. . . Aconteces demasiado. . . Tenho pena de te estar vendo. . . Quando serás tu apenas uma saudade minha? Até lá quantas tu não serás? E eu ter de julgar que te posso ver, é uma ponte velha onde ninguém passa. . . A vida é isto. Os outros abandonaram os remos. . . Não há já disciplina nas coortes. . . Foram-se os cavaleiros com a manhã e o som das lanças. . . Teus castelos ficaram esperando estar desertos. . . Nenhum vento abandonou os renques das árvores ao cimo. . . Pórticos inúteis, baixelas guardadas, prenúncios de profecias — isso pertence aos crepúsculos posternados nos templos e não agora, ao encontrarmos-nos, porque não há razões para tílias dando sombra senão teus dedos e o seu gesto tardio. . .

Razão de sobra para territórios remotos. . . Tratados feitos por vitrais de reis. . . Lírios de quadros religiosos. . . Por quem espera o séquito? . . . Por onde se ergueu a águia perdida?

s. d.

Livro do Desassossego. Vol.I. Fernando Pessoa. (Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha.) Coimbra: Presença, 1990: 82.

"Fase decadentista", segundo António Quadros (org.) in **Livro do Desassossego, por Bernardo Soares**, Vol I. Fernando Pessoa. Mem Martins: Europa-América, 1986.